

ATHAYDE,  
Celso; MV  
BILL; SOARES,  
Luiz Eduardo.

*Cabeça de  
Porco.*

Rio de Janeiro:

Ed. Objetiva,  
2005.

## Em busca de alternativas para a crise atual

Micael Herschmann

Os autores do recém-lançado *Cabeça de Porco* oferecem a oportunidade, nesta publicação, de se refletir sobre a violência social – uma temática extremamente complexa, de difícil compreensão e avaliação (especialmente quando envolve atos e situações que dizem respeito a conflitos e tensões que estão para além da noção de desvio ou de criminalidade), seja para o especialista ou para o simples cidadão. Somos, com grande frequência, bombardeados por uma avalanche de relatos de violência urbana que, em geral, tornam-se muito rapidamente impessoais, especialmente quando adquirem a forma de dados estatísticos que se perdem no universo de informações absorvidas como características e rotineiras das grandes metrópoles brasileiras. Quando analisados de forma fria e superficial, esses dados tendem a aproximar de forma simplista a pobreza à violência e ao mundo do crime. A partir da construção desse par – pobreza/criminalidade – e sua legitimação no imaginário social, ao longo das últimas décadas, assistimos em inúmeras cidades brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, a implementação de políticas repressivas desastrosas que prometiam realizar uma “limpeza social” e que efetivamente só ampliaram a exclusão social e reforçaram, no imaginário urbano, o preconceito social.

O grande mérito deste livro é permitir conhecer um pouco da dura realidade vivida por segmentos expressivos da população jovem das cidades brasileiras, enfatizando a “faceta humana” que com alguma frequência é esquecida ou relegada a um segundo plano nos noticiários veiculados pelas mídias. Esta coletânea, sem dúvida, é oportuna e crucial para se compreender as expectativas e o lugar periférico ocupado pelos jovens das camadas menos privilegiadas da população neste contexto. Colocam em cena jovens que sonham em ser jogadores de futebol, cantores de *rap* e pagode, astros de televisão etc. e que, geralmente, acabam se vendo reféns de uma estrutura social que oferece não só poucas condições para que possam produzir sustentabilidade, mas também raras oportunidades para a ascensão social. Esse quadro, invariavelmente, gera enorme insatisfação e desespero por parte dos atores sociais, levando-os para a informalidade e, no limite, em alguns casos, para o universo da ilegalidade.

A panela de pressão está prestes a explodir. Os alarmes já soaram, a responsabilidade é do Estado, sim, é dos governos, de todos eles, mas é também da sociedade, de cada um de nós. Não é aceitável jogar a culpa de tantas deformações e injustiças nas costas de um punhado de

moleques. Por outro lado, não há soluções fáceis. A recusa da culpabilização unilateral e maniqueísta dos jovens pobres que se envolvem com o crime não pode mais se traduzir em mera negação de responsabilidade. Nem são apenas os jovens pobres que transgridem as leis. Seus crimes dificilmente existiriam, na escala que os caracteriza, não fosse a ação dos criminosos de colarinho branco. Já se foi o tempo da glamourização do banditismo, em que se cultuavam os criminosos com se fossem heróis populares. (...) Vivemos em um outro país, um mundo diferente. Hoje, o crime ameaça toda a sociedade, indistintamente, mas que oprime com mais brutalidade justamente os mais pobres, aqueles que Oiticica buscava valorizar em sua ode à transgressão. Nada mais absurdo, hoje, do que a justificação do crime, em nome de um suposto compromisso democrático com as classes populares. Foi-se também, felizmente, o tempo do paternalismo, que reproduz o mesmo esquema do cinismo elitista com sinal trocado: os meninos em armas deixam de ser culpados para serem vítimas. (...) Onde cortar essa trama envenenada? O grande desafio está em humanizar o sujeito que comete o crime, sem subtrair-lhe a responsabilidade; responsabilizar o “sistema”, sem eximi-lo da responsabilidade de distribuir responsabilidades e aplicar penas, segundo as leis, humanizando-as; humanizar o “sistema”, transformando-o, criando condições para que prosperem a solidariedade e a verdadeira Justiça. (...) o Brasil ainda pode salvar-se da barbárie. É nosso dever acreditar nisso.

Trata-se, portanto, de um livro escrito por atores sociais que repudiam as visões deterministas e reducionistas do fenômeno da violência. Mais do que elaborado por especialistas no tema, trata-se de uma coletânea de depoimentos construída por indivíduos que buscam atuar de forma mais participativa, almejando promover mudanças na realidade social que os cerca. Eles, em última instância, evidenciam, por um lado, a pior forma de violência social – a invisível, dos poderes instituídos, do modelo social pouco democrático em que vivemos – e, por outro, o trinômio bastante presente no imaginário social brasileiro e que associa de forma mecânica a pobreza e a juventude à criminalidade.

É difícil não se comover com as experiências vividas pelos autores durante sua extensa pesquisa sobre a violência, nas análises em que atestam o crescimento da participação dos jovens no tráfico de drogas no país e a crise dos órgãos de segurança pública (principalmente da instituição policial). Na realidade, o tom quase confessional que Soares, Bill e Athayde (e demais colaboradores) imprimem ao texto conquista o leitor já nas primeiras páginas: é muito difícil não se mobilizar com os depoimentos que contam, por exemplo, a história da vendedora da droga merla na cidade de Brasília, de Lulu da Rocinha e de Marcinho VP no Rio de Janeiro, entre tantas outras relatadas. Nos depoimentos, que são uma espécie de diário de campo das suas incursões no mundo do crime organizado e da dura realidade vivida em áreas carentes de cidades importantes do país (como Porto Alegre, Rio,

Aracaju, São Paulo, Brasília entre outras), os autores narram o terrível cotidiano de jovens pobres e miseráveis, que, em geral, são identificados, no imaginário nacional, de forma simplista como bandidos, pívets e delinquentes.

Cabe ressaltar que os autores se inserem na tradição de estudos sócioantropológicos que vêm sendo desenvolvidos no Brasil e que visam problematizar, de forma não instrumental, o fenômeno da violência. Desde que Alba Zaluar escreveu a sua obra pioneira e seminal, *A Máquina e a Revolta*, há um esforço por parte de um conjunto de pesquisadores do país, em mostrar a dimensão humana no mundo do crime, entender as motivações e interesses que mobilizam os indivíduos a participar desse tipo de atividades ilegais, objetivando também revelar as contradições da sua condição de agressor, mas também de refém e/ou vítima. Além disso, esses pesquisadores vêm buscando desenvolver estudos que ressaltam ao público, em geral, que é preciso desconfiar das narrativas técnicas que prometem a redenção social, o fim da violência, como quem promete resolver a resolução de uma equação matemática ou um problema de estatística.

Ao mesmo tempo em que os autores se inserem nesta tradição acadêmica, eles vão mais longe neste trabalho: eles ousam romper a tênue fronteira que separa o pesquisador do seu objeto de pesquisa e, de fato, se “comprometem”, ao se colocarem como mais um ator na cena, que luta para de alguma forma contribuir para um maior equilíbrio social, de modo que seja possível um dia construir uma sociedade brasileira mais justa e democrática. Eles convidam o leitor a uma viagem tortuosa, a um mergulho no “inferno social” e, ao mesmo tempo, visam tirar o leitor da sua aparente condição neutra, buscando fazer com que se veja como um ator que de alguma forma contribuiu (pela omissão) para a construção do trágico quadro social atual. Os autores argumentam que, mais do que nunca, é crucial o “engajamento” da sociedade, que é necessário se buscar alternativas para o desenvolvimento de políticas mais democráticas, pois o contexto atual, para a grande maioria, é considerado como “sem saída” (ou como preferem os autores, é encarada por boa parte da população como uma situação “cabeça de porco”), sombrio e a tendência por parte da sociedade é de se “lavar as mãos”, delegando-se apenas ao Estado a resolução dos problemas.

Cabe ressaltar também que este livro é resultado de reflexões desenvolvidas por Soares, Bill e Athayde em sua “militância política” (cada um a seu modo: seja a frente de órgãos de segurança pública, cantando *raps* e/ou dirigindo ONGs), mas também do debate que vem se desenvolvendo no Rio de Janeiro, em torno da temática da violência desde os anos 90, quando a cidade esteve intensamente identificada no imaginário nacional com a idéia de “caos urbano”. Já, naquela época, especialmente após as chacinas da Candelária e de Vigário Geral e dos arrastões nas praias da Zona Sul da cidade, os jovens das periferias e favelas do Rio de Janeiro passaram a ser identificados na cena midiática como uma espécie de “inimigos da ordem

social”. Aos poucos, com a evolução do debate, alguns foram se dando conta de que vinha emergindo, com o processo de “redemocratização do país”, um novo Brasil aos brasileiros: uma nação claramente mais plural, fragmentária e caracterizada por inúmeros problemas e dívidas sociais, especialmente envolvendo as camadas mais pobres da população.

Assim, *Cabeça de Porco* e outras publicações empenhadas em produzir uma interpretação não reducionista da realidade social nacional, evidenciam, em alguma medida, a falência de um modelo, de um “retrato de Brasil” – que, em geral, era construído a partir de diferentes recursos simbólicos canonizados (na literatura, artes plásticas, música etc.) – no qual era possível encobrir o potencial de tensões e conflitos presente em nosso cotidiano. A idéia de um *país cordial, não conflitual* construído especialmente pelo modernismo está já, há algum tempo, em crise evidente. A violência hoje no Brasil está presente no cotidiano de segmentos sociais significativos e sua veiculação na mídia é constante; enfim, é difícil pensar o Brasil hoje, a circulação de informação ou o processo comunicativo no interior da sociedade brasileira sem levar em consideração a violência como fato sociocultural.

Em resumo, os autores argumentam ao longo dos relatos e depoimentos reunidos nesta coletânea, que é possível reverter este quadro “cabeça de porco” em que o país se encontra e que afeta especialmente os jovens das camadas menos privilegiadas da população, mas para isso é necessário não só que a sociedade se sinta responsável e se mobilize, mas também que se desenvolva uma reflexão capaz de dar conta dessa nova realidade e que subsidie de forma efetiva a elaboração de políticas públicas mais democráticas.

MICAEL HERSCHMANN é pesquisador do CNPq, Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ e professor de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, onde também coordena o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação e edita a *Revista ECO-PÓS*.